



## REDES SOCIAIS E VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Patrícia Simone da Silva Carvalho (PPGS/UFMT) - [patricia.carvalho4@hotmail.com](mailto:patricia.carvalho4@hotmail.com)

Marcia Cristina Verdego Gonçalves (SEDUC) - [marciaverdego@hotmail.com](mailto:marciaverdego@hotmail.com)

Hamilton Dias de Carvalho Junior(UFMT) - [hamiltonjunior@fisica.ufmt.br](mailto:hamiltonjunior@fisica.ufmt.br)

Carlos Eduardo da Silva Carvalho (UFMT) – [carloскарvalho6@hotmail.com](mailto:carloскарvalho6@hotmail.com)

GT 2: Educação e Comunicação

**Resumo:** A questão da violência nas escolas tem se tornado um problema que merece atenção. **Objetivo:** Realizar uma análise de como se materializa a articulação entre redes sociais e violências no ambiente escolar. **Método:** Para tanto, será realizada uma revisão bibliográfica sobre os temas-chave, de caráter exploratória, natureza qualitativa e quantitativa. **Resultados** tem-se a constatação de que, muitos usuários têm a sensação de impunidade, por uma espécie de “redoma”, que as redes sociais podem transmitir, verificou-se ainda que, o discurso de ódio é recorrente no ambiente escolar e nas redes sociais. Tem-se também o aumento da prevalência de violências nas redes sociais entre crianças e adolescentes na rede pública de educação. Tem-se visto o aumento da prevalência de autolesão entre crianças e adolescentes na rede pública de educação. Considera-se, portanto, que a instituição não está preparada para o afrontamento de conflitos diários. As ações realizadas na escola para enfrentamento da violência são mínimas, isoladas e pouco efetivas.

**Palavras Chave:** Violência; Redes Sociais; Educação.

### 1 Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apontar reflexões sobre o processo de produção e reprodução da violência na sociedade capitalista, tendo como eixo de análise as violências nas escolas. Tal direcionamento se dá mediante ao fato de que a violência, enquanto elemento que constrói e transforma as estruturas, as conjunturas e os cotidianos sociais em várias temporalidades, pode criar e recriar os espaços sociais, culturais, tradições, gêneros, classes, Estados, regimes políticos, o que ocorre até mesmo em espaços como a escola.

E como um fenômeno notório, as diferentes formas de violência acontecem todos os dias e são amplamente noticiados pelas mídias de massa, divulgadas nos telejornais e, no contexto atual, disseminadas nas redes sociais. A sociabilidade contemporânea é cada vez mais intensa e cotidianamente mediada pela internet. Sabe-se que a sociabilidade digital se intensificou a partir da década de 1990 e, hoje, no Brasil, 65% da população acessa a internet, especialmente, com a finalidade de interagir, o que com as redes sociais digitais permite uma conectividade sem precedentes. As redes sociais digitais fazem parte

de uma nova cultura, chamada *cibercultura*<sup>1</sup> ou cultura de conectividade, e cada vez mais a sociabilidade contemporânea, de crianças aos mais adultos, passa por essas mídias. As distinções entre o mundo digital e o *off-line* (real) já não fazem mais sentido, pois as nossas interações mediadas pela internet acontecem a todo o momento.

De igual modo a violência também tem encontrado na internet um instrumento de propagação, quando usuários das diferentes redes sociais se torna uma fonte de origem da violência simbólica e do discurso de ódio, inclusive, em relação ao ambiente escolar. É inegável que as redes sociais se tornaram um recurso indispensável para a comunicação, com grande dinamicidade e alcance mundial. Contudo, esse meio pode ser tanto utilizado para a disseminação de ideários do *bem* como para os discursos de intolerância e ódio.

## 1. Breve considerações sobre violência

A temática violência não é um tema sociológico recente, pois são conhecidas diversas práticas violentas usuais na Antiguidade. Essas práticas começaram a ser discutidas a partir do século XIX. Assim, a violência passou a ser caracterizada como um fenômeno social e despertou a preocupação do poder público e também de estudiosos de várias áreas, como nas Ciências Sociais, História, Geografia, Economia, Medicina, Psicologia, Direito, entre outros.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como: “o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (OMS, 2007, p. 1165). A violência também é definida por Filho (2001, p. 4), quando este afirma que

[violência] vem tanto do latim *violentia*, abuso de força, como de *violare*, transgredir o respeito devido a uma pessoa. Calcides, em Górgias, faz uma interessante vinculação entre o conceito grego equivalente (*hybris*: desmesura) e o desejo: o excesso não é senão outro nome para o desejo. Daí poder-se inferir que, além das definições que situam a violência como algo fisicamente agressor a uma individualidade, há um componente de prazer e de satisfação nas formas da violência, como o demonstram as práticas sadomasoquistas.

Em contrapartida, Minayo e Souza (1998, p. 513) procuram dar maior especificidade à violência, mas, mesmo assim, ainda apresentam uma definição ampla, quando afirmam que esta “[...] consiste em ações humanas de indivíduos, grupos, classes,

---

<sup>1</sup> A *cibercultura* “surge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica que emergiram com a convergência das telecomunicações, com a informática na década de 1970” (LEMOS, 1999, p. 11).

nações que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual”.

Raymond Williams (2007, p. 407) destaca que “[...] se trata de uma palavra que necessita de definição específica inicial, se não quisermos cometer uma violência contra ela”. Outro autor que trata dessa conceituação é Michaud (1989, p. 119), considera que

[...] há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, acusando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

Por conseguinte, muitas são as formas e naturezas das violências apontadas por vários estudiosos, incluindo sociólogos, juristas, filósofos, psicólogos, dentre outros profissionais, além de alguns organismos internacionais e nacionais, como a Organização Mundial de Saúde (OMS), a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o Ministério da Saúde, a Secretaria de Direitos Humanos. Dentre essas formas, tem sido apresentado destaque à física; psicológica; sexual; negligência/abandono dentre outras.

Também é preciso fazer referência que, em outros tempos, autores debateram sobre a violência clássica relacionada à *barbárie*, como por exemplo, Marx, Hegel, Nietzsche. De acordo com Filho (2001), para Marx a violência passou a ser algo superável e não inerente ao homem. E, para Nietzsche, esta é algo inerente ao ser humano. Por se tratar de uma questão já existente desde a Antiguidade, vale lembrar que existem relatos referentes à Idade Média em que a violência física fazia parte do homem medieval. Atos violentos eram comuns, como o ato de decepar mãos; purificações em fogueiras; mortes públicas, dentre outros. Muitos também são os registros históricos que relatam situações de violência física, verbal, psicológica, sexual, dentre outras formas de violência.

Depreende-se que naquele período histórico, todo e qualquer ato violento poderia ser combatido ou refreado, com a promessa de outro ato mais violento, ou seja, a paz, a ordem e a harmonia da e na sociedade era mantida somente através do medo. É interessante fazer referência à Foucault, que descreve minuciosamente a execução de um condenado em praça pública na França do século XVIII. O trecho descrito por esse teórico relata a condição de um

[...] condenado a pedir perdão diante da porta principal da Igreja de Paris aonde devia ser levado e acompanhado numa carroça, nu, de camisola, carregando uma tocha de cera acesa de duas libras; em seguida, na dita carroça, na praça Grève, e sobre um patíbulo que aí será erguido, atezado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atezado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puxado e

desmembrado por quatro cavalos e seus membros e corpo consumidos ao fogo, reduzido a cinzas, e suas cinzas lançadas ao vento (FOUCAULT, 1987, p. 9).

No caso desse relato, as encenações sanguinárias chocavam pelas formas perversas das punições. Nos dias de hoje, atentados violentos em escolas também chocam, como ocorreu na cidade de Suzano no interior de São Paulo, em 13 de março de 2019, na Escola Estadual Professor Raul Brasil, quando dois ex-alunos, mataram cinco estudantes e duas funcionárias da escola. Fato com ampla repercussão na mídia nacional e internacional e, segundo relatos, organizado por meio das redes sociais.

Retomando o conceito de violência, esta pode ser pensada também como elemento material histórico-dialético das sociedades contemporâneas. Ao aplicar o método histórico ao estudo das relações sociais que definiram algumas transformações na história, Marx produziu a seguinte passagem:

[na] história real, como se sabe, o papel principal é desempenhado pela conquista, a subjugação, o assassinio para roubar, em suma, a violência. Já na economia política, tão branda, imperou sempre o idílio. Direito e ‘trabalho’ foram, desde tempo imemoriais, os únicos meios de enriquecimento, excetuando-se, sempre, é claro, ‘este ano’. Na verdade, os métodos da acumulação podem ser qualquer coisa, menos idílicos (MARX, 2013, p. 786, grifos do autor).

Dessa forma, a origem dos conflitos e da violência, remonta as organizações humanas mais primitivas. Já na atual sociedade capitalista, a violência é uma forma corriqueira ao capital, se mostrando pela remoção da destradicionalização violenta dos modos de vida.

Contudo, na obra marxiana, o destino dos homens é por eles construído. Não há espaço para o empuxo articulado externamente. A sociedade é regida pela contradição sistêmica, que, por sua vez, é o produto das relações sociais capitalistas. De tempos em tempos, certas soluções são engendradas pela necessidade material de revolucionar as condições de vida dos sujeitos.

Nesse sentido, o próprio capitalismo é transitório, apesar de sistêmico, não é eterno, portanto. E carrega em si, ou seja, no interior de suas próprias contradições, o germen de uma nova sociedade, pois, para Marx, “[a] violência é a parteira de toda a sociedade velha que está prenhe de uma sociedade nova” (MARX, 2013, p. 821).

É pensando no nascimento do novo, que o constante processo de evolução das tecnologias da comunicação facilita o acesso e a difusão de informações que interliga, a cada dia, mais povos e culturas, desafiando barreiras temporais e geográficas.

Ainda bastante deslumbrados com o poder que as novas tecnologias procuram encurtar as distâncias e, ao aumentar a velocidade da transmissão de informações, muitos

tendem a enxergar somente os benefícios trazidos pela popularização da internet e pela criação e aperfeiçoamento das novas mídias. O desenvolvimento tecnológico, por um lado, facilita e agiliza a vida das pessoas, mas, por outro, acirra as diferenças sociais e culturais.

Sendo o Brasil um país tão desigual e tão diverso social e culturalmente, não se pode imaginar que o acesso aos meios técnicos se efetive de maneira homogênea para todas as populações. O analfabetismo, a pobreza e a exclusão social e digital ainda afastam grande parcela da sociedade dos meios de comunicação.

No entanto, é inegável que o advento das mídias sociais revolucionou as formas de comunicação e os modos de interação interpessoal. Mas se foi possível interligar virtualmente pessoas e culturas geograficamente distantes, acabou por isolar indivíduos do contato físico, além de tornar possível a apropriação de ferramentas de virtualização e propagação do ódio, presente no mundo real, em escala global.

## 2. As redes sociais e a violência

O desenvolvimento tecnológico também tem se constituído num fator sempre ligado a um jogo de poderes. Então, assim como pode representar um grande progresso para a humanidade, se bem empregado. Se mal utilizado, pode causar grandes prejuízos aos seres humanos.

E nesse cenário de superinformação, hipervelocidade, crise de conceitos e padrões comportamentais, popularização da tecnologia e aumento da utilização das mesmas pelo público jovem, surge

[...] um formato estruturado por intermédio de máquinas computacionais interligadas via redes telemáticas que permite a criação, compartilhamento, comentário, avaliação, classificação, recomendação e disseminação de conteúdos digitais de relevância social de forma descentralizada, colaborativa e autônoma tecnologicamente. Possui como principal característica a participação ativa (síncrona e/ou assíncrona) da comunidade de usuários na integração de informações visando à formação de uma esfera pública interconectada (LIMA JÚNIOR, 2008, *s.p*).

Esse conceito abrange os *blogs*, *photoblogs*, *microblogging*, as redes sociais, *sites* de compartilhamento de fotos, *slides*, vídeos, ou seja, *sites* e programas que possibilitem a interação entre os usuários e efetiva participação do público na produção de conteúdos. Cabe esclarecer que

[várias] pessoas confundem os termos Redes Sociais com Mídias Sociais, muitas vezes usando-as de forma indistinta. Elas não significam a mesma coisa. O primeiro é uma categoria do último. Os sites de relacionamento ou redes sociais são ambientes que focam reunir pessoas, os chamados membros,

que uma vez inscritos, podem expor seu perfil com dados como fotos pessoais, textos, mensagens e vídeos, além de interagir com outros membros, criando listas de amigos e comunidades. Sendo assim: **Facebook**, **Orkut**, **MySpace**<sup>2</sup>, entre outros = **Redes Sociais** ou como chamava-se em 2005 **sites de relacionamento**. **Twitter** (microblogging), **YouTube** (compartilhamento de vídeos), **SlideShare** (compartilhamento de apresentações), **Digg** (agregador), **Flickr** (compartilhamento de fotos), entre outros + Redes Sociais = **Mídias Sociais** ou como chamava-se em 2005, novas mídias (TELLES, s/d, s/p, grifo nosso).

A interação social na internet, muitas vezes, manifesta-se através das redes sociais individuais. A internet trouxe a possibilidade de essas redes passarem a ser expostas nos chamados *sites* de redes sociais, ou redes sociais, como são conhecidas no cotidiano. Segundo a definição de Boyd e Ellison (*apud* RECUERO, 2009), *sites* de redes sociais são “[...] sistemas que permitem: 1) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; 2) a interação através de comentários e 3) a exposição pública da rede social de cada ator” (p. 102). Dentre os diversos exemplos de redes sociais, podemos citar o exemplo do *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, entre outros. É notável a grande quantidade de *sites* de redes sociais presentes na internet, muitas voltadas para públicos específicos, nesse caso o jovem.

Independente de já estarem inseridos no *mundo tecnológico* ou ainda em fase de adaptação, muitas pessoas utilizam as redes sociais não apenas como uma oportunidade de conhecer outros sujeitos, mas também de se apresentar a eles e deixar suas opiniões a respeito de determinados temas em fóruns de discussões, comunidades virtuais ou até mesmo em seus perfis digitais. As redes sociais se tornam, então, espaço para as pessoas demonstrarem e reafirmarem também seus medos e inseguranças com relação ao mundo e ao outro.

As redes sociais se tornaram um espaço de manifestação de ódio e potencialização da violência. Um dos grandes alvos da violência *cibernética* é a população LGBT, segundo os dados do Relatório Mundial da *Transgender Europe*<sup>3</sup> (TGEu), mostra um total de 325 assassinatos de transgêneros registrados em 71 países entre 2016 e 2017. Mais da metade (52%) ocorreu no Brasil (171), seguido do México (56) e dos Estados Unidos (25).

Do mesmo modo que, de acordo também com Miriam Abramovay (2002), “[...] a sociedade brasileira, [vem se] deparando com um aumento das violências nas escolas,

---

<sup>2</sup> É uma rede social americana, criada em 2003 – com objetivo de realizar interação, com perfis pessoais, fotos, músicas, vídeos, entre outros.

<sup>3</sup> Tradução livre: Relatório sobre o acesso da comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais) à saúde na Europa Central e Oriental.

sendo diversos os episódios envolvendo agressões verbais, físicas e simbólicas aos autores da comunidade escolar”.

E a violência que nos dias atuais está presente no ambiente familiar, nas ruas, nas indústrias, nos bares, no ambiente escolar, entre tantos outros, está presente também nos meios de comunicação: noticiários e reportagens na televisão, nos jornais, rádios, nas redes sociais, entre outros. De acordo com Costa (2011, p. 15), “[...] nas escolas a violência é manifestada das mais diversas formas, tornando-se objeto da atenção de toda a sociedade, principalmente de estudiosos e pesquisadores”. Para Souza (2008, p. 119, grifos nosso), “[...] observa-se, dentro das escolas, crianças e adolescentes cometendo infrações que se caracterizam por agressões verbais, físicas, pichações, *bullyings*, e furtos, sem nenhuma causa aparente que justifique tais ações ou comportamentos”. O que também tem se registrado na forma de intolerâncias, racismo, entre outras.

### 3 Considerações finais

Sabe-se que as violências nas redes sociais têm evidentes consequências offline, tanto de ordem simbólica, psíquica e na saúde mental. Pouco ainda, são as discussões em relação as violências na internet.

Assim, este trabalho mostrou que o estudo da sociabilidade digital, bem como a disseminação e produção das violências nas interações mediadas pela internet, bem como as formas de ativismo digital para a defesa de direitos, constituem campos estratégicos de pesquisa.

Portanto, a internet por meio das redes sociais tem o poder de transformar o cotidiano das pessoas, mudando as relações e a forma de encarar o mundo.

### Referências

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. Violências nas escolas/ Miriam Abramovay et alii. Brasília: **UNESCO, Coordenação DST/ AIDS do Ministério da Saúde**, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

AZEVEDO, Maria Amélia.; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. As políticas sociais e a violência doméstica contra crianças e adolescentes: um desafio recusado em São Paulo?. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. de A. (orgs). **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. 3 ed. São Paulo: Cortez, p.228- 304, 2000.

BRASIL. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. **Estabelece sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente**.

ENGELS, Friedrich. **A Dialética da Natureza**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.



FILHO, CIRO MARCONDES. **Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira.** São Paulo em Perspectiva. São Paulo, v. 15, n. 2, p. 20-27, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história de violência nas prisões.** Petrópolis: Vozes, 1987.

LIMA JÚNIOR, Walter Teixeira. **Definição de Mídias Sociais** Pelo Autor do Blog. In < <http://labsocialmedia.blogspot.com/2008/11/refinando-o-conceito-de-mdias-sociais.html>> (Acesso em 28/09/2019) .

LUXEMBURGO, Rosa. **Acumulação do Capital: Contribuição ao estudo econômico do imperialismo.** São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl. **O Capital.** Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MICHAUD, Yves. **A violência.** São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, Maria Cecília Souza e SOUZA, Edinilsa Ramos. **Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva.** História, ciências, saúde. São Paulo: Manguinhos, 1998.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAUDE (OMS). **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde.** Genebra: OMS; 2002.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, SHIRKY, Clay. A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, VEJA. São Paulo: Abril, v. 44, n. 15, 13 abr

SIMÃO, Andréa Branco; SOUZA, Robson Sávio Reis. Pesquisa em Serviço Social: Reflexões sobre os desafios para a formação e atuação profissional. In: **Revista Trimensal de Serviço Social**, Ano XXIX – n. 96 – Novembro 2008. São Paulo: Cortez, 2008.

TELLES, André. **Precisamos padronizar as definições entre Redes Sociais e Mídias Sociais!.** In:< <http://www.midiatismo.com.br/comunicacao-digital/definicao-de-rede-social-e-midia-social>> (Acesso em 13/10/2019)

WILLIAMS, Raymond. Violência. In: **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade.** São Paulo: Bomtempo, 2007.